

VILA NOVA



VÁRZEA DA LAGOA (2014)

Pocinhos, Paraíba, Brasil

CASA DA PEDRA

Sinhá Vitória: nesse mundão de Deus havemos de encontrar um lugar pra nós, nem que seja uma roça de pouca serventia, mas que dê pro de comer o ano inteiro. Com os poder da Virgem, a vida da gente vai mudar. Roça bonita, muito milho, muito feijão, fartura e sustância pros meninos se criar. Vamos ter vida nova, sem carecer dar conta do gado, a se danar no mato feito uma peste. Depois, havemos de parar numa cidade grande. Vai ser tanta coisa pra gente ver, pra esses olhos que só conhecem a desgraça. Os meninos vão pra escola, aprender tudo, ter saber, lê no livro, fazer conta no lápis. [...] Um dia, temos que virar gente! Podemos continuar vivendo que nem bicho, escondidos no mato, podemos?

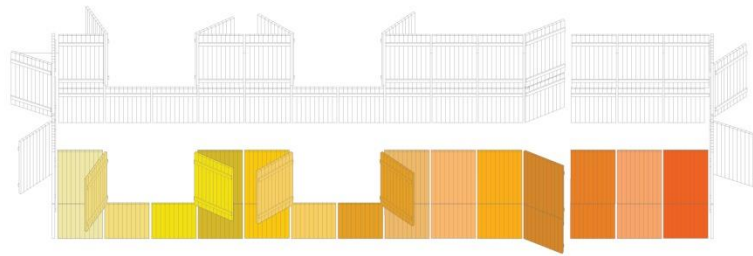
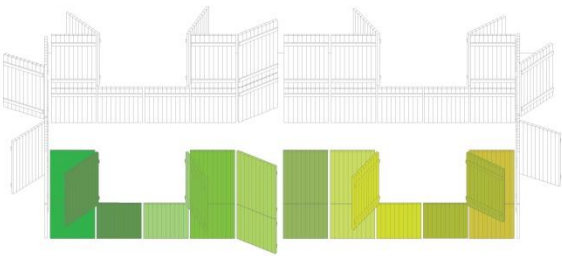
Fabiano: não podemos, não. (Vidas Secas, o lme, 1963).





Em 1938, o escritor Graciliano Ramos publica *Vidas Secas*. O livro conta a história de Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cadela Baleia. A família vive na zona rural do semiárido brasileiro, Nordeste do país. São nômades, não por vontade, mas por imposição. Estão sempre em busca de terras para trabalhar, num lugar onde ter o mínimo para sobreviver é tarefa árdua para a maioria. Comer todo dia já é um enorme feito. Sonham com uma casa enorme e bonita, onde possam se fixar, criar os filhos e ter vida boa.

Historicamente, o semiárido do Brasil é marcado por grandes desigualdades sociais. Mais da metade da população pobre do país vive na região, muitas vezes desprovida de direitos humanos e sociais básicos. Há grande concentração de terras e de recursos hídricos nas mãos de poucos. Em um território caracterizado pelo baixo índice pluviométrico, alta taxa de evaporação e longos períodos de estiagem, o controle sobre a água estabelece as relações de poder, trabalho e sobrevivência.



As paisagens são resilientes e mutantes, hostis e amparam. Verdes quando há água, áridas quando há seca. Predomina a Caatinga, bioma só existente no Brasil. Flora e fauna são adaptadas às condições climáticas. A região possui forte identidade cultural. Comida, música, dança, vestes, fala, credos, hábitos estão impregnados pelos lamentos e alegrias do lugar, pelo cotidiano de escassez, pelas saudades ao deixar a terra, pelas comemorações do retorno.

Há boas novas! Há alguns anos, as coisas estão diferentes. Sinhá Vitória e família recebem assistência social do Estado brasileiro. Comer todo dia já é fato comum, liberta. Deseja-se mais. Conseguem arrendar um pedaço de terra, ganham alguma autonomia para decidir suas vidas. Fazem amigos. Os meninos vão para a escola, o ônibus passa na porta. Seus colegas mais velhos fazem faculdade na cidade grande, podem até estudar no exterior. Tem posto de saúde perto, com médico. A lavoura e a pecuária prosperam. Comemoram as festas do ano com fartura! Pensam em construir casa nova.

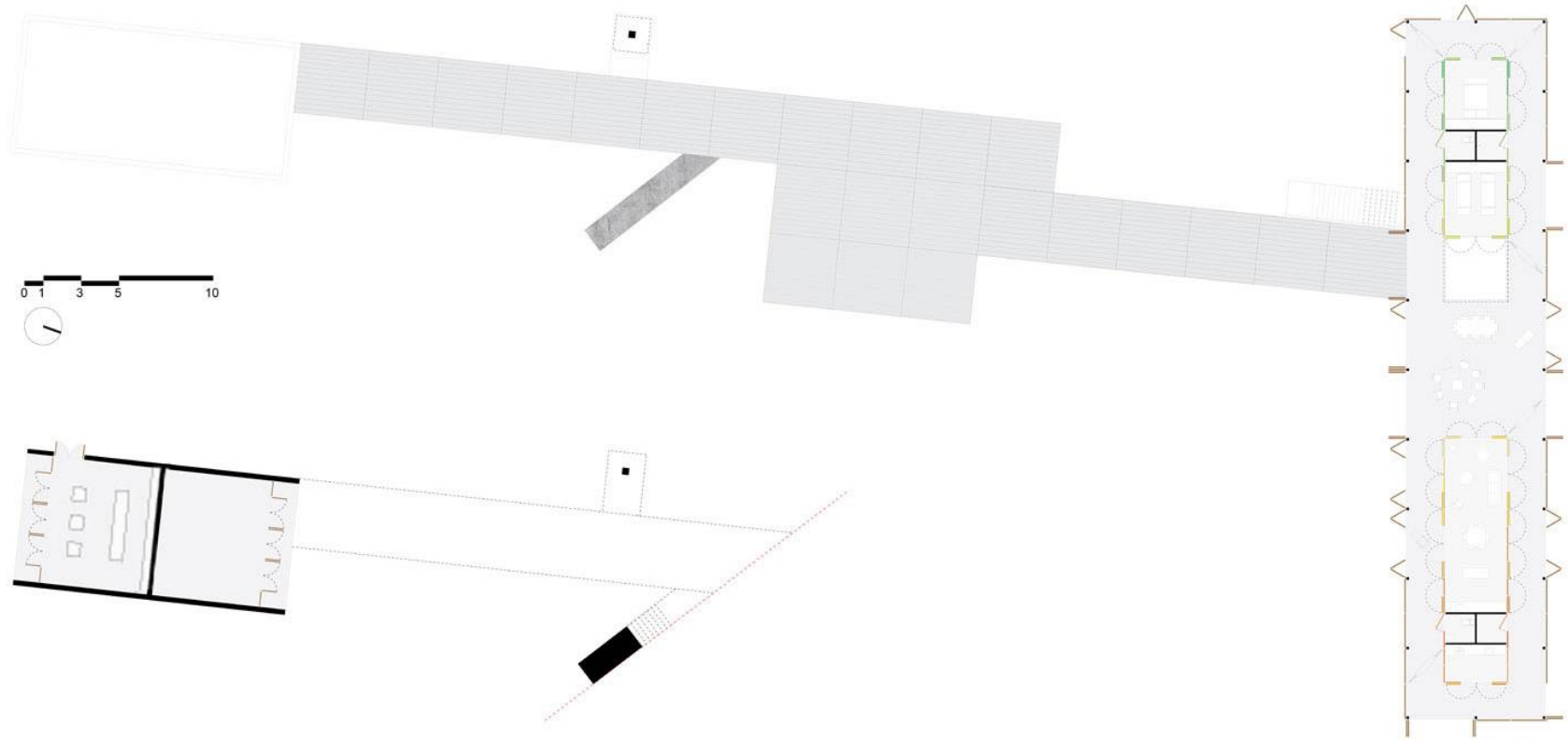
Escolhem fazê-la sobre as pedras, onde é possível captar e acumular água. Precisam de armazém para guardar a colheita, espaço para vender o que produzem, lugar para secar o feijão. Abrigo para caminhonete, moto, bicicleta e, a mais nova aquisição, um trator. A casa pode ser uma grande sala, aberta para a paisagem. Lá, querem se encontrar, conversar, observar a passagem do tempo pelas cores do horizonte e nuvens no céu. Almejam cotidiano leve, tranquilo, que misture e concilie o trabalho, a moradia e as brincadeiras, de adultos e crianças. A cozinha não precisa ser tão grande. Anal de contas, os eletrodomésticos estão baratos e podem assumir muitas tarefas. Querem cor, para expressar essa nova fase.



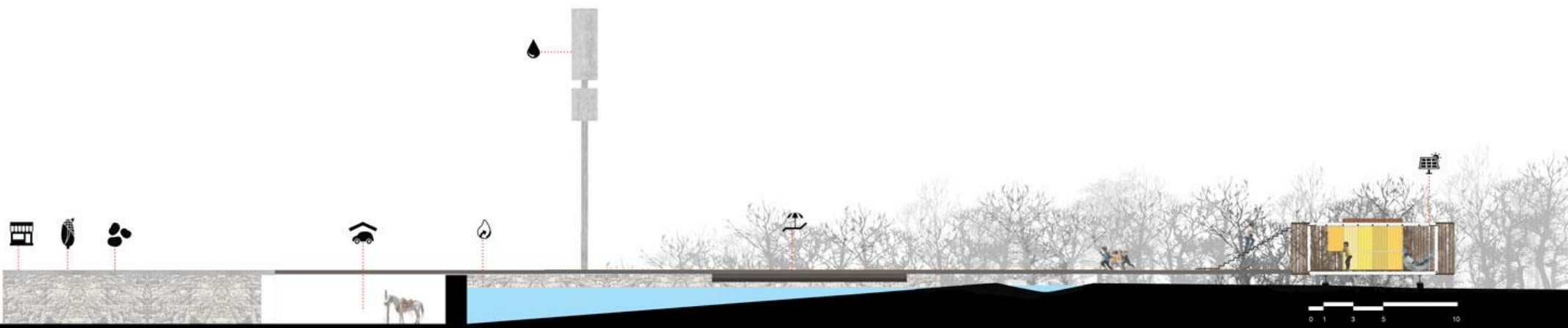


E assim a construção é feita. A vizinhança estranha. Um pouco diferente do que estão acostumados. A venda e o armazém ficam próximos da estrada, onde a lida com o público é maior. As paredes são de pedra, que nem os arrimos dos tanques d'água. Precisa-se de solidez. Sobre a laje, seca-se o feijão. A casa está no alto. Decidem por uma estrutura de aço. É rápido, prático e desmontável. Já há metalúrgicas nas cidades do entorno. Poucas paredes, só nos banheiros. Os espaços são delimitados por painéis de madeira, lembram as portas e janelas do antigo sertão. Têm as cores da Caatinga, verdes e áridas. Fecham o alpendre com varas de pau, que nem as cercas que fazem nos terreiros e currais.

Hoje é dia de São João, noite inteira de festa. Sinhá Vitória compra roupa nova para todo mundo. O milho vira comida típica, a fogueira está acesa, bandeirinhas penduradas. Os convidados começam a chegar, trocam novidades. Muitos vêm de longe, regressam à terra de origem para matar a saudade dos que ficam, para lembrar o cheiro bom daquele dia. Agradecem a Deus pelo momento. O trio de forró inicia a música. Pulam, dançam, confraternizam-se. Por um minuto, a imagem do passado lhes vem à frente, em preto e branco, mas logo desaparece. E continuam a se confraternizar.



-
-
-
-
-
-





CASA DA PEDRA

FICHA TÉCNICA:

Autores: Vila Nova | Fabiano Melo, Marcus Vinicius

Maquete eletrônica: Cycle Studio

Colaborador: Pedro Henrique Silva Costa

W